

- Livro? Hum... bem, o meu nome é Manuela Bernardo, sou psicóloga do hospital e bem-vinda ao mundo! Estiveste muito mal, quarenta e oito horas inanimada, ligada às máquinas, pois sofreste um acidente na Biblioteca Municipal, caiu-te uma estante em cima literalmente e desmaiaste, trouxeram-te para o hospital e felizmente parece que agora está tudo bem. Lembras-te de algo?

Não, não me lembrava de nada... na minha cabeça repetia-se uma e outra vez a palavra “LIVRO” e via-o negro, com os prolegómanos “a lenda da bruxa de rio de ossos”. Que relação teria aquilo com o acidente que, quase, me vitimara?

Enquanto olhava à minha volta e me sentia observada pela psicóloga e por mais quatro doentes que se encontravam na enfermaria reparava que aquele cheiro inquietava-me e perturbava-me ao ponto de começar a pedir que me mandassem embora para casa para junto dos meus manos. A propósito, Maria e Joca estavam bem, como me confidenciou a psicóloga do hospital, eu é que começava a dar sinais de algum nervosismo porque nunca tinha estado num hospital. Ainda por cima com um tubo ligado ao meu braço, que me injectava soro e que me impossibilitava que me movimentasse livremente, tinha sede, uma ligeira dor “anestesiada” nas costas, pois tinham-me dito que estava medicada para não sentir o trauma que sofrera quando a estante me caiu em cima. Por outro lado, meteram-me uma algália para me eliminar a urina, que estava ligada a um saco colocado por baixo da cama.

A psicóloga quis saber, então, pormenores, designadamente que livro era aquele que eu mencionara imediatamente ao acordar e, algo que me deixou estarecida, a expressão “OGAM” que, segundo ela, eu proferira várias vezes enquanto permanecia inconsciente, conforme os relatos dos médicos e enfermeiros! Onde teria ido eu buscar semelhante som que nem sequer tinha um qualquer significado especial? Em seguida explicou-me que o meu acidente tinha sido noticiado na televisão, nos jornais e nas rádios, pois à inauguração da Biblioteca Ferreira de Castro tinha sido convidado e comparecera o Presidente da República, o que levou vários meios de comunicação social locais e nacionais a comparecerem e noticiarem o evento, ampliado pois pela minha desgraça, o que por um lado me deixara contente, pelo outro lado me fazia questionar este meu fado já longínquo de me acontecerem estas desgraças sem qualquer explicação possível. Perguntava-me, às vezes, porque me aconteciam estas coisas que passo a evocar: com cinco anos tombei ao lago da dona Adelina Americana, por sorte estava lá a minha mãe a falar com a proprietária e rapidamente resolveram a situação; quando fui fazer a primeira comunhão vesti-me para a cerimónia e vim brincar para o quintal à “macaca”, então pulava de contentamento pelo lindo vestidinho bege que a costureira Joanhina me edificara com

gosto, de súbito desequilibrei-me e caí violentamente no chão, como consequência rompi os joelhos, os braços e o próprio vestido que ficou ligeiramente danificado, fugi apavorada para os anexos do Ti João, logo ali ao lado e vizinho, tendo sido descoberta pelo meu pai que, entretanto e preocupado, começara a chamar-me porque não aparecia para a cerimónia e intuiu que eu ali me encontrava, com o sangue seco, dorida e ainda cheia de lágrimas, revoltada com o que me acontecera; aos quinze anos quase fui violada por um mendigo que andava de porta em porta a pedir, encontrando-me sozinha em casa tentou empurrar-me contra uma parede, ameaçou-me com um pau e a minha sorte é que nesse momento estava a minha mãe a entrar em casa e logo espantou o depravado que só me dizia:” tens cá umas coxas minha linda..., descansa que não te vou fazer mal nenhum, vais ver que vais gostar”; o primeiro namorado que tive a sério, por volta dos vinte anos, apresentou-se como uma pessoa respeitável, como sendo gestor de umas empresas e, de facto, andava sempre bem vestido e com vistosos automóveis, mas quando me conquistou a sério começou a exigir que eu fosse trabalhar para uma boite que era só para equilibrar umas contas das empresas dele e que era só por dois meses, tendo depois sido elucidada por pessoa amiga que as empresas dele era na área da exploração de mulheres para fins pouco sérios, eufemisticamente falando; a minha melhor amiga deixou de falar comigo porque namorava com um rapaz que se apaixonou por mim sem ser correspondido e ela pensou que eu me fazia de “santa” como confessou a terceiros; para cúmulo a estante da biblioteca que me caíra em cima no dia da inauguração! Isto só para lembrar aqueles mais marcantes da minha vida porque existiam muitos mais que me faziam a existência numa desdita porque não entendia o porquê daqueles contratempos que, muitas vezes, me faziam pensar que alguém me rogara uma qualquer “praga” desmedida, negra e extravagante, que me deixavam a estiolar sem sentido e entusiasmo para viver como as demais pessoas com os seus momentos altos e baixos próprios da vida. Por isso, mesmo na literatura, puxavam-me para temas esotéricos e aí o porquê daquele livro da bruxa dos ossos que eu tanto afincadamente procurava na biblioteca e que até, pelo entusiasmo em que me encontrara no momento, me fizera, quem sabe, ter tido aquele acidente.

Os meus irmãos tinham uma relação de grande proximidade comigo e eu com eles. Eu era a sua protectora, vigilante e ao mesmo tempo responsável, sobretudo tentando afastá-los da minha triste sina. Eu gostava especialmente daqueles livros que me levavam a mundos encantados de magia e encanto, que me davam cavalos falantes e voadores, reis bondosos e justos que se não deixavam enganar pelos maus deste mundo, das abóbadas falantes que contavam os segredos da natureza ao

menino pobre e encantado, e gostava especialmente de testemunhá-las aos meus queridos manos, Joca e Maria, que as adoravam já tal como eu. Joca era brincalhão, alegre, perspicaz, amável, muito curioso e, de vez em quando, colocava questões muito difíceis de responder e de explicar a um miúdo de nove anos. A minha mãe adorava-o e estava sempre a fazer-me considerações e cuidados com o “menino”, como ela sempre dizia quando se referia a ele; o meu pai, embora fosse uma pessoa simples, operário vidreiro e sem instrução, quando chegava a casa imobilizava a motorizada, colocava-a no “descanso” e subia o Joca até ao assento, sentava-o, enfiava-lhe o capacete e ali ficava a brincar com ele até à hora de jantar, mesmo sabendo eu, que muitas vezes vinha cansado, com falta de ar e revoltado com as notícias que corriam na fábrica da ameaça de despedimento de vários trabalhadores, sendo ele uma hipótese séria e a considerar devido à idade e aos manifestos indícios que denotavam doença pulmonar crónica que tantos vidreiros vitimara! Era um herói, o meu herói, mesmo tendo um dia surgido em casa embrulhado com uma menina de meses muito pequenina e exclamasse: “Esta é minha filha, a mãe fugiu e ninguém sabe por onde anda, por isso tratem-na como os outros.” para grande estupefacção da minha mãe e contentamento meu que ia ter mais uma irmãzinha. Porém, esta irmãzinha, a Maria, era uma rapariga triste desde pequena, muito dependente, pois andava sempre de mão dada comigo ou com os meus pais, comia sofregamente, adorava cantar e, quando o fazia, metia um objecto a imitar um microfone junto aos lábios e cantava músicas que ouvia na rádio, tinha um certo jeito, é certo, mas não passava disso, desconfio que era a única actividade, para além de comer, que ela realmente denotava prazer.

Quando, por fim, a psicóloga resolveu deixar-me em paz comecei a reparar melhor nas pessoas que se encontravam na enfermaria, companheiras de quarto e de infortúnio. Eram quatro mulheres, três idosas e uma mais nova. Olhavam-me e eu olhava-as. Até que recuperei a iniciativa e encetei um questionário detalhado dirigido para cada uma das doentes. Claro que não precisei de explicar os motivos por que me encontrava ali, pois fui logo elucidada que eu era sobejamente conhecida no hospital, para onde fui conduzida por um automóvel com dois seguranças e um médico que habitualmente acompanham o Presidente da República que, a alta velocidade, quase entrava pelo serviço de urgência adentro. Das quatro mulheres que ali se encontravam, duas permaneciam por problemas hepáticos relacionados com o consumo exagerado de álcool (uma delas chegou-me a dizer que com esta já era a quarta estadia no hospital e que um dos médicos foi-lhe dizendo que podia não haver próxima!), um delas estava toda pisada e negra e contou-me que o marido, de quem

se encontrava separada, tinha-lhe feito uma “espera” e dera-lhe uma tremenda sova, e a outra estava ali porque tinha tido uns desmaios e estava em observação para efectuar uns exames detalhados e complementares aos que tinha feito para saber a origem daquilo. Agora, surpreendeu-me que no hospital, no mesmo quarto onde eu me encontrava, estivessem duas mulheres por desregramento no consumo de álcool! É que é um fenómeno mais visível nos homens que se expandem com um certo à vontade nos cafés e nas ruas, agora nas mulheres são raros os casos em que se sabe do abuso ou mesmo da dependência de álcool. Efectivamente é nos hospitais que estas coisas se sabem, pois é ali que os excessos costumam pagar factura.

Não estou certamente a delirar, à minha frente ele se encontra, mas como é possível? Então não é que aquele rosto que eu vira na biblioteca com um piercing no nariz, com falta de dois dedos da mão esquerda decepados pelas falanges, vestia bata branca de médico com uma camisa por baixo aberta até ao terceiro botão onde era possível ver um torso musculado com um colar ao pescoço pendurado com uma medalha prateada com um triskle! As tríades da vida, em eterno movimento e equilíbrio... Exemplos? Nascimento, vida e morte.

E já me esquecia, recebi nessa mesma manhã em que recuperei a consciência uma chamada do Senhor Presidente da República a inteirar-se do meu estado de saúde, desejar-me rápidas melhoras e a convidar-me para uma visita a Belém, tendo-me avisado que no Palácio que é a sua residência oficial existe uma extensa e variada biblioteca, que as estantes estão muito bem seguras e não há perigo de derrocadas... o que denota, para além de uma grande simpatia, humanismo, algum conhecimento da minha personalidade (alguém lhe deve ter dito do meu gosto pelas leituras) e uma grande dose de sentido de humor e inteligência.